



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

RAFAEL BARRETTO DE MENEZES LOPES FELIPPE

ANÁLISE DO TURISMO NO ESTADO DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS, 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

ANÁLISE DO TURISMO NO ESTADO DE SANTA CATARINA

Monografia submetida ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Guilherme V. Moura

FLORIANÓPOLIS, 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 7,0 ao aluno Rafael Barretto de Menezes Lopes Felipe na disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

Guilherme Valle Moura

João Randolfo Pontes

Liana Bohn

AGRADECIMENTOS

À minha família, pela contribuição na minha formação pessoal, suporte e compreensão durante todos os anos de graduação.

A todos os professores que despenderam seu tempo e esforço nesse período, especialmente, Guilherme Moura e João Randolfo Pontes que tiveram participação decisiva para que esse trabalho tenha sido concluído.

Aos amigos de Piracicaba, especialmente aqueles que frequentavam a Rua Helsinque, 381, que me acompanharam durante minha preparação antes de ingressar na Universidade e, mesmo distante durante esse período, sempre estiveram presentes de alguma forma.

Aos grandes amigos que a cidade de Florianópolis me presenteou, proporcionaram incontáveis momentos de descontração e ensinaram sobre as oportunidades que a vida oferece.

Em especial aos meus conterrâneos Pedro, Ricardo e Matheus, que viveram comigo durante esses anos e tivemos a oportunidade de desfrutar de bons momentos, Thiago, Willian, Renan, Germano, Nick, Vitor, e tantos outros pelo companheirismo durante esses cinco anos do curso de economia, e, finalmente meu grande amigo Pedro Henrique que concluiu sua participação nessa jornada deixando boas lembranças àqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo e muita saudade para aqueles que aqui ficaram.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. TEMA E PROBLEMA

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

1.2.2 Objetivo Específico

1.3 JUSTIFICATIVA

2. METODOLOGIA

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 CONCEITOS

3.2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA

3.3 CORRENTES TEÓRICAS

3.3.1 Corrente liberal

3.3.2 Corrente do planejamento estatal

3.3.3 Corrente pós – moderna

3.3.4 Corrente crítica

4. A DIMENSÃO E OS IMPACTOS DO TURISMO

4.1 DIMENSÃO E IMPACTO NO MUNDO

4.2 DIMENSÃO E IMPACTOS NO BRASIL

4.3. DIMENSÃO E IMPACTO EM SANTA CATARINA

4.3.1 Dimensão

4.3.2 IMPACTOS ECONÔMICOS

4.3.3 Aspectos sociais

4.3.4 Fatores ambientais e estruturais

4.4 PLANO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DO LAZER DE SANTA CATARINA (PDIL)

5. CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

A história do turismo mundial muitas vezes se confunde com a própria história da humanidade. As pequenas viagens em busca de alimento e proteção, que respondiam ao próprio instinto do homem pré-histórico, se diversificaram. Essas viagens passaram pela antiguidade clássica, onde Gregos e Romanos as desenvolveram, transformando-as, posteriormente, em grandes viagens de expedição que podiam durar meses e percorrer oceanos inteiros (MTUR, 2007). Atualmente, essa atividade se tornou um mercado que movimenta a economia de mais diversos setores: transporte, alimentação, eventos, hospedagem, etc.

A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2014) estima que o turismo em 2013 representou 9% da produção bruta internacional; foi responsável por um em cada onze empregos criados e por volta de 6% de todas as exportações globais.

A movimentação financeira da atividade na economia mundial é dividida entre os continentes. Estima-se que a maior parte do turismo mundial em 2013 concentrou-se no continente europeu, contudo, boa parcela dessa demanda foi absorvida pelas Américas que, em 2013 chegou a 168 bilhões de turistas, o equivalente a 19,8% do total. Movimentou pouco menos de 230 bilhões de dólares, dos quais 23,9 bilhões somente para a América do Sul, a qual teve uma participação de 2,1% da porcentagem mundial (OMT, 2014).

O impacto do turismo na economia do Brasil pode alcançar 9,5% do PIB em 2014, um crescimento de 5,2% em relação ao ano anterior, que foi de 9,2% do PIB (OMT, 2014).

Os números demonstram uma movimentação financeira intensa gerada pela atividade em âmbito mundial sendo que a América do Sul possui participação significativa nesse montante.

O World Travel Tourism Council (Conselho Mundial de Viagens e Turismo) (WTTC, 2013), entidade a qual reúne os maiores empresários de turismo no mundo coloca o país em primeiro lugar entre os destinos procurados em relação às riquezas naturais. Com uma grande extensão territorial conta com diversas regiões de mata nativa e fauna e flora entre as mais

ricas do mundo, destaca-se, portanto, como um dos principais destinos para pessoas que procuram esse tipo de turismo (WTTC, 2013).

O Brasil é atualmente o país que mais movimenta essa atividade na economia sul americana e tem uma participação considerável em relação às Américas (OMT, 2014). O estado de Santa Catarina, por sua vez, é um dos que mais contribuem com esse panorama para o país.

Uma pesquisa feita com os leitores da revista “Viagem e Turismo” coloca o estado de Santa Catarina como melhor destino turístico do Brasil, ocupando o quinto posto em relação à entrada de turistas internacionais perdendo apenas para São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná que acabam atraindo uma quantidade maior de turistas pela sua importância econômica.

A Santa Catarina Turismo S.A (SANTUR, 2013) estima que no verão de 2012 por volta de 69.5% da demanda recebida de visitantes foi à procura de turismo sendo o restante referente a negócios e estudos.

O montante movimentado pelo turismo em Santa Catarina chega a quase um décimo do seu PIB e tem uma função importante na qualidade de vida dos catarinenses. O governo estadual parece ter ciência desse potencial e, juntamente com os órgãos competentes, tem desenvolvido estudos visando explorar os benefícios que essa atividade pode trazer, identificando os pontos de estrangulamento e verificando a viabilidade de corrigi-los.

1. TEMA E PROBLEMA

Um dos maiores desafios que o Brasil possui historicamente é a superação do subdesenvolvimento que, mais do que uma categoria econômica, é uma condição que traz consigo uma série de problemas sociais como a pobreza e a desigualdade. (BRESSER PEREIRA, 2003).

O Brasil continua, portanto, injusto e subdesenvolvido. A “cura” para esse duplo mal (pobreza e desigualdade) é o desenvolvimento econômico, que ocorreu de maneira muito forte entre 1930 e 1980, quando o país realizou sua revolução nacional e industrial – os dois componentes da revolução capitalista. O desenvolvimento econômico é um processo histórico de crescimento da produtividade e dos padrões de vida da população causado pela sistemática utilização do excedente econômico na acumulação de capital e no progresso técnico. Ocorre a partir da revolução capitalista, porque foi só a partir dela que o reinvestimento do excedente

econômico (a produção que excede o consumo necessário) na produção e a incorporação sistemática do progresso técnico tornaram-se realidades históricas. Essa foi a experiência de todos os países hoje considerados desenvolvidos ou ricos. (Bresser Pereira, L.C, 2003, pg3).

Outro fator apontado para determinar a condição de subdesenvolvimento o de um país é sua dependência formal ou informal em relação aos grandes países industrializados, consequência do processo histórico que ocorre a partir da revolução capitalista (FURTADO, 1961).

O Brasil, na década de 50 contava com um setor capitalista industrializado e tecnologicamente sofisticado,mas ainda não era capaz de absorver toda a mão-de-obra disponível, de forma que uma parte dela se mantinha mal empregada ou subempregada, opostamente daquilo que se praticava nos países desenvolvidos, onde a taxa de desocupação era baixa (RANGEL, 2005).

Uma das alternativas para auxiliar no combate ao subdesenvolvimento em determinadas regiões, considerando-se políticas e planejamento adequados, é o turismo (TEIXEIRA, 2006).

A política econômica é o estudo das formas e efeitos da intervenção do Estado na vida econômica visando atingir determinados fins (LESSA, 1998). No caso dos países subdesenvolvidos é necessário desenvolver políticas que auxiliem a melhoria de suas condições econômicas e sociais.

Estima-se que em 2013, o setor turístico movimentou por volta de 600 mil empregos diretos e totalizou 12,5 % do PIB de Santa Catarina (MTUR, 2013). Verifica-se então que o setor pode ser uma alternativa para complementar a oferta de empregos, e gerar recursos paraser utilizados na melhora da qualidade de vida dos cidadãos catarinenses.

Conforme citado anteriormente, o Brasil apresenta características peculiares para essa atividade, o fato de possuir uma área territorial extensa gera uma série de atrativos turísticos como a heterogeneidade cultural e uma diversidade ecológica entre as maiores do mundo. O estado de Santa Catarina encontra-se atualmente entre os mais procurados do Brasil devido ao seugrande potencial turístico (WTTC, 2008).

Nesse contexto, o estudo que será apresentado visa analisar o setor turístico em um âmbito geral verificando suas contribuições para a economia brasileira e fazendo uma análise mais específica no estado de Santa Catarina para verificar se, de fato, essa atividade realmente tem uma contribuição significativa na economia dos respectivos locais.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

O intuito desse trabalho é estudar o comportamento do turismo no mundo que, mesmo se tratando de uma atividade recente, ocupa uma posição significativa na economia mundial, brasileira e catarinense.

1.2.2 Objetivo Específico

- a) Descrever o cenário do turismo mundial, brasileiro e catarinense;
- b) Analisar a dinâmica dessa atividade nas últimas décadas;
- c) Verificar as características e o comportamento dessa atividade no Brasil e, mais especificamente no Estado de Santa Catarina;
- d) Avaliar os benefícios e os danos que essa atividade causou, têm causado e pode causar no estado de Santa Catarina.

1.3 JUSTIFICATIVA

O turismo participou com 9% da produção bruta internacional em 2013, 9,3% do PIB brasileiro no mesmo ano e 12,5% do PIB de Santa Catarina. Movimentou cerca de 1 a cada 11 empregos da economia mundial, e criou mais de 600 mil postos de trabalho em Santa Catarina e continua aumentando sua contribuição na economia mundial (OMT, 2014).

Por ser uma atividade com taxas de crescimento altas e que gera impacto nas regiões que a recebem, é preciso que haja elaboração de estudos e planejamento com o intuito de

obter uma contribuição positiva para o desenvolvimento do local e, conseqüentemente, na melhora da qualidade de vida dos residentes.

2. METODOLOGIA

Embora as pesquisas geralmente apontem para objetivos específicos, estas podem ser classificadas em três grupos: estudos exploratórios, descritivos e explicativos (Gil, 1991).

Um trabalho é de natureza exploratória quando envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Possui ainda a finalidade de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias para a formulação de abordagens posteriores (Gil, 1991).

A pesquisa explicativa registra fatos, analisa-os, interpreta-os e identifica suas causas. Essa prática visa ampliar generalizações, definir leis mais amplas, estruturar e definir modelos teóricos, relacionar hipóteses em uma visão mais unitária do universo ou âmbito produtivo em geral e gerar hipóteses ou ideias por força de dedução lógica.

A pesquisa explicativa exige maior investimento em síntese, teorização e reflexão a partir do objeto de estudo. Visa identificar os fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos ou variáveis que afetam o processo (Gil, 1991).

Na pesquisa descritiva realiza-se o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos sem a interferência do pesquisador. São exemplos de pesquisa descritiva as pesquisas mercadológicas e de opinião. A finalidade é observar, registrar e analisar os fenômenos ou sistemas técnicos, sem, contudo, entrar no mérito dos conteúdos (Gil, 1991).

Esse trabalho tem natureza descritiva. Será feito, portanto um estudo sobre aspectos gerais do turismo contando com um breve histórico, definição de conceitos básicos e principais teorias relacionadas ao assunto. Posteriormente, serão coletadas informações junto a sítios de organizações nacionais e internacionais em turismo, tais como o Ministério do Turismo, Organização Mundial do Turismo, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,

entre outros que serão analisados inicialmente em relação a economia global, para então ser possível verificar a situação brasileira e catarinense. Por fim, uma interpretação dos fatos e as conclusões para finalizar o estudo.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Viajar é uma atividade que sempre existiu entre os seres humanos. Desde a pré-história até os dias atuais os indivíduos migram de região pelos mais diversos fatores. Entretanto, o surgimento do turismo como um fenômeno econômico e social, do modo como entendemos hoje, tem sua origem num passado recente podendo, portanto, ser considerado um produto da indústria moderna. Desse modo, a literatura que discute acerca desse tema acaba sendo bastante atual (BENI, 2004).

O objetivo nessa sessão é entender e definir o objeto central do estudo, portanto, Iniciará na próxima sessão uma revisão das principais definições e conceitos que direcionam a atividade turística de acordo com as instituições internacionais. Em seguida, será apresentada a linha histórica resumida dessa atividade, partindo da pré-história passando pela antiguidade e chegando, finalmente aos dias atuais. Por fim, será feita uma sucinta discussão das diferentes correntes de pensamento que discutem a temática do turismo nas ciências sociais.

3.1 CONCEITOS

A influência e dinamismo das viagens levaram a criação da União Internacional de Organismos Oficiais de Turismo (UIOOT) em 1947 que na época contava apenas alguns países europeus. Essa instituição passou a agregar membros até chegar à atual OMT que conta com 157 países do mundo todo.

Com o objetivo de um melhor entendimento do que realmente se compreende pelo conjunto de atividades relacionadas ao turismo, a OMT elaborou um glossário básico, cujas principais definições são as seguintes (OMT, 2013):

Turismo - um fenômeno social, cultural e econômico que implica movimento de pessoas para países ou regiões fora do de seu enquadramento habitual, seja para fins recreativos, de negócios ou outros. Estas pessoas são chamadas de visitantes, e o turismo está relacionado com suas atividades, as quais implicam em um gasto turístico;

Visitante - é toda a pessoa que se desloca temporariamente para fora da sua residência habitual, quer seja no seu próprio país ou no estrangeiro, por uma razão que não seja a de aí exercer uma atividade remunerada. Podendo ser turista ou excursionista:

Turista - é todo o visitante temporário que permanece no local visitado mais de 24 horas;

Excursionista - é todo o visitante temporário que permanece fora da sua residência habitual menos de 24 horas;

Residência habitual - de uma pessoa, conceito chave em turismo, se define como a zona geográfica (embora não necessariamente contíguos) em que um indivíduo realiza suas atividades cotidianas habituais;

Turismo emissor - resulta das visitas de residentes de um país a outro(s);

Turismo receptor - engloba as visitas a um país por não residentes;

Turismo internacional - abrangem as viagens que obrigam atravessar uma ou mais fronteiras, ou seja, consiste em um turismo receptor adicionado ao turismo emissor.

3.2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Uma avaliação da Confederação Nacional do Turismo (BENI, 2004) explica que a história das viagens é, muitas vezes, confundida com a própria história da humanidade, isto se deve muito pelo fato de o deslocamento de um determinado ponto a outro sempre ter

acompanhado o desenvolvimento humano. O homem pré-histórico, por exemplo, se deslocava em busca de alimentos e proteção, respondendo ao instinto natural de sobrevivência e de defesa(BENI,2004).

Seguindo a linha histórica, na Antiguidade Clássica Grécia e Roma têm maior destaque que, devido ao alcance e a influência de seus impérios esses dois povos contaram com uma grande necessidade na organização das viagens e dos meios de transportes. Com uma visão planejada foram construídas obras de infraestrutura (estradas, pontes, viadutos) que até hoje permanecem (BENI, 2004).

Entre o século XIV até o século XVII, surge o Renascimento Europeu, período onde ocorre uma série de mudanças em diversas áreas de interesse. A produtividade agrícola passa a ser mais intensa, as cidades renascem, o comércio e os negócios se expandem, a cultura e as artes recebem uma nova concepção e a exploração de territórios novos passa a ganhar uma importância cada vez maior (BENI, 2004).

Em meados do século XVIII, a Europa começa a sentir as transformações derivadas da Revolução industrial. Data desse período também o estabelecimento do turismo tal como é conhecido hoje. As implicações desses acontecimentos acabam gerando profundas mudanças econômicas e sociais, com os trabalhadores migrando das áreas rurais de agricultura para as áreas urbanas, onde se localizavam as fábricas, a nova tecnologia da máquina a vapor,etc. (BENI, 2004).

Interessante observar que o turismo, até então, era uma atividade que exigia determinado nível de renda, portanto, durante esse período apenas algumas classes tinham o privilégio de usufruir desse privilégio, no caso, a aristocracia e, em menor proporção a burguesia que estava ascendendo através das atividades industriais (CASTELLI, 2001).

De fato, a indústria passa a desenvolver uma série de projetos de infraestrutura que aos poucos vão tornando a atividade turística mais acessível principalmente pelo advento do transporte ferroviário e dos meios de comunicação. Passando pela grande onda de instabilidades da primeira metade do século, o turismo poderia usufruir das condições necessárias para se difundir a nível internacional e assim o fez. Somente após a II Guerra Mundial, que se viu este fenômeno aparecer de modo tão intenso, possibilitado, entre outras, pela redução da jornada de trabalho, instituição das férias, e outros ganhos sindicais por parte dos trabalhadores. Dotados então, de um maior tempo livre e poder de compra, a população pôde desfrutar das condições necessárias para viajar (CASTELLI, 2001).

3.3 CORRENTES TEÓRICAS

O turismo aparece como uma atividade de destaque muito recentemente e a produção científica relacionada ao tema começa a se desenvolver com mais intensidade somente nas últimas décadas (BENI, 2004) sendo que ainda existem contribuições sendo feitas através de artigos, monografias, teses e publicações. Essa seção tem como objetivo, explanar algumas das principais concepções teóricas que debatem sobre o turismo e temas relacionados.

3.3.1 Corrente liberal

Fazendo uso das teorias econômicas neoclássicas, os pesquisadores da corrente liberal, analisam o tema de modo similar a outros segmentos de mercado, através do equilíbrio entre oferta e demanda, da estimativa de propensão a consumir do multiplicador, da satisfação das necessidades dos consumidores, etc.

No passado e no presente, as viagens turísticas participam com destaques nas relações econômicas, sociais e políticas das diferentes sociedades. O turismo é mais do que nunca um tipo de serviço à disposição dos homens da sociedade industrial moderna tornando-se imprescindível para as atividades econômicas. Sempre até mesmo intuitivamente, seus agentes atuam. (LAGE, 1991)

Os autores dessa corrente analisam o turismo fazendo uso de definições neoclássicas, sustentando suas análises em dados econômicos e, portanto, consideram a natureza como um dos fatores de produção do turismo, juntamente com o capital e o trabalho. Dentro desta ótica surgem alguns estudos, principalmente durante a década de 90, quando o turismo passa a exercer grande peso na economia mundial, para o aproveitamento sustentável do turismo tentando conciliar um fluxo crescente da entrada de capitais, mantendo um equilíbrio ecológico. Tudo isso com o intuito de obter melhor aproveitamento em termos de infraestrutura para o desenvolvimento dessa atividade (OURIQUES, 2005).

Enfim, ideia apresentada por essa corrente é que o turismo deve ser tratado como uma atividade empresarial, sendo apenas mais um setor da economia e, portanto, deve buscar a maximização do lucro. Visto por essa ótica, tal corrente acaba realizando duras críticas ao Estado, principalmente, pela falta de alguns investimentos no setor, e pelo excesso de regulamentação e impostos em geral, e consideram estes fatores como um impedimento ao progresso do setor (OURIQUES, 2005).

3.3.2 Corrente do planejamento estatal

O Brasil, apesar de possuir regiões extremamente ricas em biodiversidade, ainda não conseguiu apresentar uma imagem turística condizente com esse potencial (OURIQUES, 2005) argumento é utilizado pelos defensores do planejamento estatal para basear sua análise.

Os autores liberais direcionam sua teoria para o livre mercado do turismo, ou seja, os próprios agentes da economia interagindo entre eles encontrariam um ponto de equilíbrio para a atividade, o estado, portanto, é um fator negativo nessa dinâmica e a sua intervenção prejudica seu desenvolvimento. Para os teóricos do planejamento estatal mesmo que a situação da atividade do Brasil venha melhorando nos últimos anos, ainda existe um atraso no desenvolvimento do turismo receptor nacional, o qual só seria revertido caso fosse controlado e planejado pelo Estado (CRUZ, 2002).

De uma forma geral estes teóricos demonstram uma maior preocupação com a comunidade receptora, porém em muitos casos essa preocupação não é real sendo que o discurso adotado está mais direcionado ao limite da exploração dos recursos naturais, com o intuito de não se “autodestruir”, ao invés de existir uma real preocupação com os impactos ao meio ambiente e seus habitantes. Somente por meio do planejamento e de políticas públicas é possível minimizar os efeitos indesejados do turismo sobre os lugares, maximizando-se, simultaneamente, seus efeitos desejados (OURIQUES, 2005).

Por mais que determinada corrente discorde da corrente liberal e acredite na intervenção estatal para desenvolver o turismo nacional, acabam tendo a mesma visão em relação aos benefícios estritamente financeiros de melhoria da atividade visando arrecadação de lucro e deixando de lado questões ambientais e sociais.

3.3.3 Corrente pós – moderna

Os defensores dessa corrente teórica têm um pensamento semelhante a autores da corrente do planejamento estatal. Concordam que deve haver um discurso em prol do planejamento urbano e da defesa da natureza. Contudo, negam o caráter estritamente empresarial do setor ao mesmo tempo em que defendem a sustentabilidade. Fazem uma análise da paisagem como recurso turístico, preocupando-se também com as “comunidades receptoras” (OURIQUES, 2005).

Atualmente no Brasil chegamos a tal ponto de deterioração ambiental urbana que acaba nos restando viver de “migalhas de civilização”, isto porque o descaso com a infraestrutura urbana foi tão grande durante o crescimento das cidades que a população acaba sendo obrigados a desfrutar de pequenos espaços como praças, bosques e parques (YAZIGI, 1998).

De modo geral é possível observar que estes autores se preocupam com as consequências da atividade econômica mal planejada e o reflexo disso no Brasil.

O turismo predatório descontrolado e sem planejamento para essa corrente pode acarretar a própria deterioração dessa atividade em uma determinada região. Os autores dessa corrente defendem, portanto, que o crescimento do turismo deve ser acompanhado com um desenvolvimento das cidades de forma planejada e controlada para que seus benefícios possam alavancar a economia, e melhorar o nível de renda e qualidade de vida dos residentes mantendo a preservação do meio ambiente.

3.3.4 Corrente crítica

Por fim, os críticos, serão os primeiros a criticar os benefícios dessa atividade que muitos autores, governantes, e mesmo a sociedade atribuem ao desenvolvimento do turismo. Tal corrente discute o impacto nas comunidades autóctones, no meio ambiente e urbano, e tudo o mais que se insere nessa dinâmica.

A atividade turística é, na própria essência, incompatível com uma ideia de desenvolvimento sustentável. A atividade turística não é compatível sequer com a noção de desenvolvimento

autosustentado porque dirige o consumo aos lugares exóticos, transformando-os para serem comercializáveis, nos padrões de conforto e qualidade de vida do mundo moderno, retirando, portanto ao longo de um curto espaço de tempo a característica de exótico. Como atividade econômica sua sustentação está pautada na contínua descoberta de paisagens naturais e históricas de novos lugares exóticos que são rapidamente transformados para serem consumidos (RODRIGUES, 1999, p. 49).

O turismo, assim como as outras indústrias da economia, sobrevive a partir da produção de mercadorias, ainda que sua atuação ocorra de um modo mais singular, não pode, na ótica dos pensadores críticos, ser considerada uma atividade de serviços. A atividade turística produz territórios e espaços para serem comercializados, e em seguida visitados pelos turistas, de modo que acabam por transformar a natureza em mercadoria (RODRIGUES, 1999). Nesse contexto uma série de bens e serviços acaba sendo consumidos intensamente pelos visitantes: souvenir, alimentos, refrigerantes, cerveja, serviços de transporte e hotéis, etc.

A escola crítica não nega o fato da dinâmica econômica que o turismo traz para determinadas regiões, entretanto, questionam os benefícios realizados pelo aquecimento da atividade, principalmente em países subdesenvolvidos onde a renda já é mal distribuída.

São as divisas estrangeiras que fornecem o principal argumento para a promoção do turismo no terceiro mundo, ainda que quase ninguém tenha tentado calcular a proporção das receitas do turismo que fica realmente no país. Depois de deduzidos o custo das importações de produtos alimentícios e de bebidas destinadas aos turistas, o custo do equipamento hoteleiro adquirido no exterior, os salários pagos ao pessoal executivo estrangeiro e os lucros tomados pelos proprietários estrangeiros, naturalmente alguma coisa fica na caixa dos autóctones, mas nem sempre é muito (KRIPPENDORF, 1989 p. 93).

A prática dessa atividade gera demasiado acúmulo e a maioria dessa renda se transfere para o capital estrangeiro.

A corrente crítica foca sua análise no custo-benefício negativo que a atividade gera para a economia nacional, que acentua as diferenças já existentes entre as classes sociais corroendo os benefícios que outras correntes defendem.

4. A DIMENSÃO E OS IMPACTOS DO TURISMO

4.1 DIMENSÃO E IMPACTO NO MUNDO

Tratando-se de uma indústria extremamente recente, o turismo passa a ocupar uma posição como importante atividade econômica no período posterior as instabilidades políticas e econômicas vivenciadas nas primeiras décadas do século XX, sendo possível perceber o quão rápido esta atividade cresceu e se desenvolveu (BENI, 2004).

Com o desenvolvimento econômico empreendido nos países centrais a partir do pós-guerra, o turismo, ao longo da segunda metade do século XX, transformou-se num fenômeno de massas, criando um setor econômico dos mais importantes da atualidade. Com os desenvolvimentos tecnológicos empreendidos nas áreas de transportes e comunicações, este é um processo que se espalha por todo o mundo, criando várias oportunidades para os países em desenvolvimento (SUAREZ, 2007 apud GEE e FAYOS-SOLÁ, 2003)

Essa desorganização pré-existente e o desenrolar dos acontecimentos posteriores acabaram criando a necessidade de se realizar pesquisas científicas direcionadas ao assunto, o que passa a ocorrer a partir da década de 60 no meio internacional, iniciando em meados dos anos 90 no Brasil (BENI, 2004).

Atualmente, mais do que uma atividade de grande importância, o turismo vem ocupando posição de destaque na economia global sendo considerada para muitas regiões um dos setores mais importantes (SUAREZ, 2007).

Segundo relatório anual o turismo internacional movimentou cerca de 1,159 bilhões de dólares com um aumento de 5% em relação ao ano anterior, que havia superado a marca de US\$ 1 bilhão. Essa tendência de crescimento foi acompanhada por todos os continentes, inclusive as Américas que acumularam uma taxa de crescimento de 3% em relação a 2012 (OMT, 2014).

Esse enorme fluxo de pessoas acaba gerando impactos nas regiões que o recebem. A OMT estima que o turismo contribuiu em 2013 com 9% da produção bruta internacional; foi responsável por um em cada onze empregos criados e por volta de 6% de todas as exportações globais (WTTC, 2013).

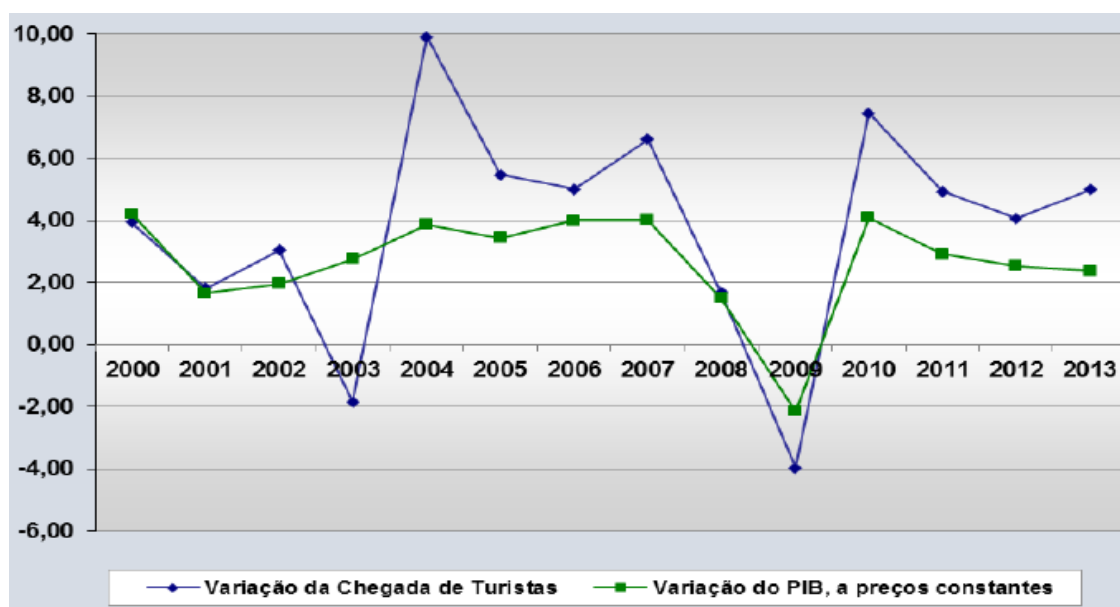
Entretanto, apesar das tendências traçadas baseadas nesse panorama positivo, é arriscado prever uma trajetória linear de crescimento por se tratar de uma atividade extremamente vulnerável à situação econômica mundial. Nos anos de 2008 e 2009, por

exemplo, (figura 1), houve forte retração na economia global com recessão nos Estados Unidos, consequência do estouro da “bolha” imobiliária daquele país, e que resultou numa redução no número de turistas no mundo (OMT, 2014).

Após a tendência de recuperação verificada em 2010 observa-se uma nova redução, nos anos de 2011 e 2012, dessa vez motivada pela crise nos países Europeus, com ênfase na Grécia, Portugal, Espanha e Itália (OMT, 2014).

No gráfico abaixo é possível verificar que existe uma correlação positiva entre o crescimento da economia mundial e o crescimento do turismo internacional e os choques causados pelos períodos de recessão mencionados. Apesar de ser perceptível uma maior volatilidade da taxa de crescimento do turismo, os períodos de crescimento da economia mundial coincidem com os períodos de aumento do fluxo turístico internacional (OMT, 2014).

Gráfico 1: Taxa de Crescimento do Turismo Mundial e da Economia



Independentemente dos choques que afetaram a economia em determinados períodos, as taxas de crescimento do turismo mundial seguem uma trajetória de crescimento, contudo, esse crescimento não é equitativamente dividido, sendo que existem alguns continentes que ocupam um espaço maior que outros. Calcula-se que a Europa foi o país que liderou o crescimento em termos absolutos recebendo um total de 563 milhões de turistas internacionais em 2013. A região que engloba a Ásia e o Pacífico tiveram o mais rápido crescimento com um incremento de 6%, o que equivale a 14 milhões de turistas adicionais. Em seguida a África com 5%, 3 milhões de turistas a mais que o ano anterior e, por fim as Américas crescendo 3% e chegando a 168 milhões de turistas internacionais em 2013(OMT, 2014).

Apesar das oscilações inerentes a economia, a previsão é que o fluxo de turistas continue em ascensão e, em 2030 chegue a 1,8 bilhões, mostrando que as expectativas continuam sendo positivas.

4.2DIMENSÃO E IMPACTOS NO BRASIL

A situação econômica brasileira atualmente é estável, a inflação que, durante um longo período assombrou o país foi controlada, conta com um parque industrial relativamente desenvolvido taxa de câmbio estável e crescimento contínuo (Figura 2).

Hoje não podemos mais pensar o Brasil como um país “pobre”. O Brasil já é um país de renda média, que realizou sua revolução capitalista. É uma sociedade na qual a apropriação do excedente econômico não mais se realiza através do controle direto do Estado, mas através dos lucros realizados no mercado pelos empresários; é uma sociedade capitalista tecnoburocrática porque a classe profissional se tornou igualmente importante na partilha do excedente econômico sob a forma de ordenados elevados. Entretanto, não obstante o razoável grau de desenvolvimento econômico que já alcançou, o Brasil é ainda um país subdesenvolvido. Não porque sua renda por habitante seja muito baixa, mas porque continua a ser um país dual – um país que até hoje não logrou integrar toda a sua população no mercado de trabalho. (BRESSER PEREIRA L.C, 2010, pg1)

O Brasil é um país de renda média, entretanto, a distribuição de renda, apesar de ter apresentado uma melhoria nos últimos anos, continua ruim (BRESSER PEREIRA, 2010). Em contrapartida, no que se refere ao turismo os brasileiros aumentaram a demanda no setor nos últimos anos.

Tabela 1: Indicadores econômicos básicos para o Brasil de 2004 a 2008

	2004	2005	2006	2007	2008
PIB a preços atuais (R\$ bilhões)	1.941,5	2.147,2	2.369,8	2.597,6	2.889,7
PIB a preços atuais (R\$ bilhões)	664,7	888,1	1.089,5	1.341,8	1.600,0
Crescimento real do PIB (% p/a)	5,7	3,2	4,0	5,7	5,1
Inflação (%)	6,6	6,9	4,2	3,6	5,7
Taxa de câmbio (R\$ por US\$)	2,93	2,44	2,18	1,95	1,83
População (milhões)	184,3	186,8	189,3	191,8	194,2
PIB per capita (US\$)	3.604,9	4.751,4	5.753,5	6.993,6	8.238,9

Fonte: WTTC, 2008

O país apresentou conjuntura econômica positiva entre os anos 2004 e 2008 (anos anteriores a crise financeira): crescimento econômico, inflação estável, taxa de câmbio controlada, aumento do PIB per capita (Tabela 1) oferecia a perspectiva de que as viagens de lazer se tornassem uma atividade acessível para um número maior de pessoas que não apenas os mais ricos. Os brasileiros com renda menos elevada acostumados a viajar em busca de trabalho e visitas em localidades distantes dentro do país, ou passar férias em praias próximas de suas cidades agora engordavam o grupo de pessoas que podiam desfrutar de viagens de lazer, fator que culminou no aumento da demanda por essa atividade (WTTC, 2008).

Tanto nacional como internacionalmente, o turismo passou a ser mais praticado pelos cidadãos brasileiros que agora tinham acesso a uma condição financeira que podia lhes prover esse luxo (WTTC, 2008).

Mesmo com a queda da atividade econômica geral durante a crise de 2008-2009, que afetou, mesmo que de forma menos intensa em relação a outras econômicas, as finanças brasileiras, a atividade turística mantém uma trajetória de crescimento dentro do país não

apenas com turistas domésticos, mas também como uma grande participação internacional (OMT, 2014).

Estima-se que o número de turistas internacionais que visitaram as Américas durante o ano de 2013 chegou a 168 bilhões, o equivalente a 19,8% do total, com um incremento de 3 % em relação ao ano anterior. Movimentou pouco menos de 230 bilhões de dólares, dos quais 23,9 bilhões somente para a América do Sul, a qual teve uma participação de 2,1% da porcentagem mundial (OMT, 2014).

O impacto do turismo na economia do Brasil pode alcançar 9,5% do PIB (R\$ 466,6 bilhões) em 2014, um crescimento de 5,2% em relação ao ano anterior, que foi de 9,2% do PIB (R\$ 443,7 bilhões), o número é superior a média mundial, que se espera crescimento de 2,5% (OMT, 2014).

O WTTC, entidade que reúne os maiores empresários de turismo no mundo, divulgou o estudo anual referente a 2013, “Viagens e Turismo: Impacto Econômico”, com dados coletados em 184 países. O Brasil aparece com destaque, em 51º lugar no ranking de países, ocupando também o 7º posto entre países das Américas ficando atrás de Estados Unidos, Canadá, Barbados, Panamá, México e Costa Rica e a frente de destinos turísticos bastante conhecidos como Porto Rico, Chile e Peru despontando, portanto, como o 1º da América do Sul (WTTC, 2013).

O estudo levou em conta vários indicadores do setor: importância do turismo para o PIB (Produto Interno Bruto), geração de empregos, divisas geradas por turistas internacionais e investimentos públicos e privados.

Com relação ao impacto econômico na cadeia produtiva do turismo no país pode-se observar outro indicador de crescimento para 2014. O setor deverá gerar 8,9 milhões de empregos diretos e indiretos, um crescimento de 4,5% em relação a 2013, quando o segmento foi responsável por 8,5 milhões de postos de trabalho (WTTC, 2013)

Foi ressaltada também a qualidade do país em termos de turismo sustentável. Com uma extensão territorial grande e diversas regiões de mata nativa, ocupa a primeira posição entre todos os países do mundo em termos de recursos naturais com fauna e flora entre as mais ricas e se destaca também em 23º posição em recursos culturais. Entretanto, o relatório também aponta uma série de problemas no que diz respeito à infra-estrutura (qualidade das estradas, portos e ferrovias) que necessitariam melhorar para manter o ritmo do desenvolvimento, não apenas turisticamente falando, como também economicamente, do país.

Outros fatores apontados são a falta de competitividade dos preços em geral, o valor dos impostos, de ingressos e taxas aeroportuárias. Além disso, o ambiente político geral não é particularmente propício para o desenvolvimento do setor, com regras sobre investimento externo direto e muita burocracia para iniciar projetos entre outros fatores (WTTC, 2013).

Os números apresentados evidenciam que o Brasil, apesar de não ocupar uma boa colocação a níveis mundiais, tem um grande potencial turístico principalmente no que tange os aspectos naturais e culturais, pecando, contudo, em fatores econômicos e políticos que acabam por estrangular o desenvolvimento dessa atividade. Ainda assim o Ministério do Turismo prevê que com a melhora da situação econômica mundial que vem se recuperando da recessão de 2008/2009 e os estímulos criados devido aos grandes eventos que o Brasil tem recebido (Copa do Mundo de futebol e Olimpíadas) o país possa participar de forma mais intensa na dinâmica turística mundial nos próximos anos.

4.3. DIMENSÃO E IMPACTO EM SANTA CATARINA

4.3.1 Dimensão

No Brasil, a extensão territorial permite uma grande quantidade de destinos cuja diversidade cultural e ambiental o coloca em uma posição de destaque em relação aos outros países do globo (OMT, 2014).

Conforme citado anteriormente, grande parte dos turistas que procuram o Brasil como destino vem em busca das riquezas naturais e culturais. O estado de Santa Catarina se torna um grande atrativo nesse aspecto. Possui um litoral relativamente extenso, 561 quilômetros, com grande diversidade de características (ilhas, baías, enseadas, cachoeiras e lagoas) circundada por mais de quinhentas praias, fator significativo de sua preferência como destino

turístico. Dados publicados pela Santa Catarina Turismo S.A (SANTUR, 2013) reforçam esse panorama, estimando que no verão de 2012 por volta de 69.5% da demanda recebida de visitantes foi à procura de turismo sendo o restante referente a negócios e estudos.

Pelo sexto ano consecutivo os leitores da revista “Viagem e Turismo” escolheram o estado de Santa Catarina o melhor destino turístico do Brasil, ocupando o quinto posto em relação à entrada de turistas internacionais perdendo apenas para São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná que acabam atraindo uma quantidade maior de turistas pela sua importância econômica (WTTC, 2013). Estima-se que Santa Catarina tenha recebido mais de 4,7 milhões de turistas no verão 2012/2013, entre nacionais e estrangeiros uma vez que, apenas em janeiro e fevereiro, o movimento de turistas foi de 4,6 milhões, gerando receita superior a R\$ 2,8 bilhões (FIESC, 2013).

Foi identificado que 70% desses turistas que entraram no estado durante a época mais dinâmica do setor, o verão, eram viajantes nacionais, sendo que 78,5% de turistas internacionais foram Argentinos (SANTUR, 2013), o que poderia ser explicado pela posição geográfica favorável.

Tabela 2: Chegada de turistas internacionais por Santa Catarina segundo alguns países de origem em 2011 e 2012

Países	Nº de turistas		% s/total 2012
	2011	2012	
Argentina	135.132	153.716	78,54
Chile	29.229	25.601	13,08
Uruguai	5.169	8.039	4,11
Paraguai	1.897	2.047	1,05
Itália	1.040	1.278	0,65
Alemanha	1.307	571	0,29
Estados Unidos	572	556	0,28
Espanha	478	516	0,26
França	417	491	0,25
Inglaterra	276	269	0,14
Austrália	346	216	0,11
Portugal	205	206	0,11
Outros	3.235	2.202	1,13
TOTAL	179.303	195.708	100,00

Fonte: FIESC, 2013

Outros fatores que contribuem para alavancar essa atividade é a preservação ecológica. O estado Santa Catarina possui quatro parques estaduais, três reservas biológicas, dois parques nacionais, uma reserva biológica marinha, quatro florestas naturais, estações ecológicas e 22 reservas privadas de patrimônio natural abrangendo 14.942 hectares (WTTC, 2008)

Além de praias paradisíacas, florestas, riachos, rios e cachoeiras, o estado ainda detém uma região serrana bastante peculiar cujo ponto culminante é o Morro da Boa Vista, com altitude de 1.827 metros, seguido pelo Morro da Igreja, em Urubici, com altitude de 1.822 metros. São Joaquim é uma das principais atrações durante o inverno devido a suas baixas temperaturas, resultado da mistura entre a altitude e a posição geográfica, sendo um dos únicos pontos do Brasil onde há neve esporadicamente (SANTUR, 2013).

A cidade de Blumenau, no ‘Vale Europeu’, abriga um dos maiores eventos do país: a Oktoberfest, tradicional festa da cerveja de origem alemã que ocorre em outubro. Trata-se da segunda maior Oktoberfest do mundo, depois apenas da de Munique na Alemanha (SANTUR, 2013).

Devido a sua localização tão meridional, Santa Catarina tem clima temperado, com geadas ocasionais na serra no inverno e temperaturas mais moderadas no verão assim, o estado conta com um dos invernos mais frios do país e concorre no verão com a região do nordeste (SANTUR, 2013).

As características mencionadas transformam o estado em um destino bastante procurado, entretanto, a homogeneidade do perfil de turistas pode ser um ponto de estrangulamento da atividade.

A trajetória de crescimento desse setor sofreu queda de 21,26% no número de turistas em 2013 em relação ao mesmo período do ano anterior, uma redução significativa, entretanto, a receita recuou apenas 1,6%, de modo que é possível inferir que, por mais que a quantidade tenha reduzido, o poder aquisitivo dos turistas acabou equilibrando a balança e reduzindo os impactos conforme as tabelas da figura 6 e 7 representam. A crise na Argentina (principal consumidor turístico do estado) a concorrência do exterior e a inflação alta são apontadas as principais causas do menor fluxo de turistas em Santa Catarina, no último verão (SANTUR, 2013).

Figura 6: Movimento estimado de turistas

Origem	2010	2012	2013
Nacionais	4.750.112	4.441.765	3.589.671
Estrangeiros	414.976	419.100	237.825
Total	5.165.088	4.860.865	3.827.496

Fonte: Santa Catarina Turismo S.A – SANTUR

Figura 7: Receita estimada em Reais

Origem	2010	2012	2013
Nacionais	2.622.953	2.435.396	2.486.621
Estrangeiros	351.451	407.788	311.949
Total	2.974.404	2.843.184	2.798.570
Valor dólar	R\$ 1,81	R\$ 1,75	R\$ 2,00

Fonte: Santa Catarina Turismo S.A – SANTUR

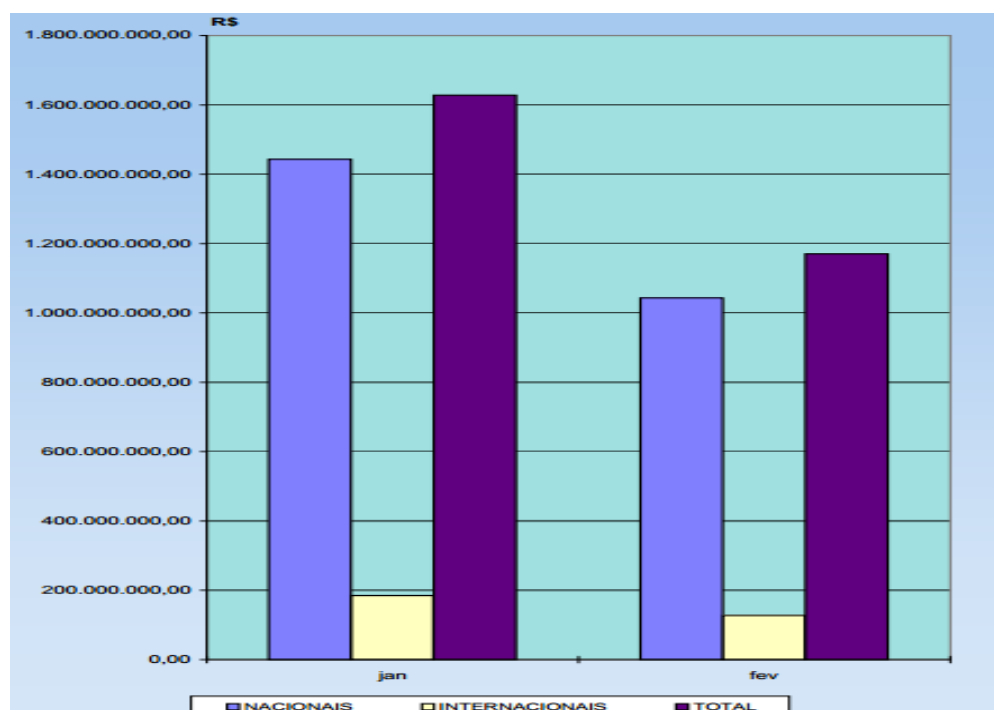
O perfil turístico do estado demonstra muito potencial tanto no verão como no inverno podendo ser uma boa fonte de receita. Diferencia-se dos outros estados brasileiros pelos indicadores sociais bastantes positivos, peca, contudo, em aspectos pontuais como a falta de infra-estrutura e de planejamento. Outro fator que pode ser apontado como uma barreira é o perfil homogêneo dos turistas que visitam sendo grande parte composto pelos próprios brasileiros e uma participação Argentina significativa, tal fator torna a atividade dependente e vulnerável.

4.3.2 Impactos econômicos

Todo ano a SANTUR publica um relatório para analisar a dinâmica do setor turístico no estado de Santa Catarina. Conforme será analisado posteriormente, o fluxo turístico do estado é muito concentrado no verão, levando esse aspecto em consideração o relatório coleta dados apenas dos meses de Janeiro a Março.

O estado de Santa Catarina recebeu por volta de 4 milhões de turistas ao longo da temporada de 2013, gerando mais de 2,8 bilhões de reais de receita (Figura 7).

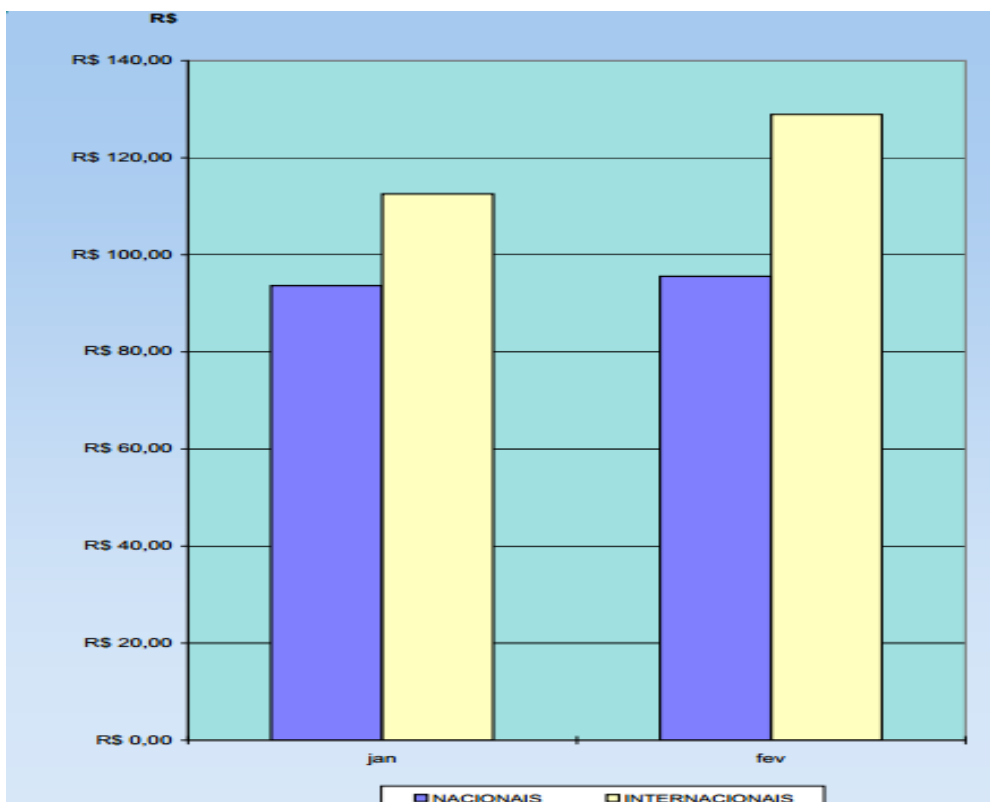
Tabela 3: Receita gerada por turistas nacionais e internacionais



Fonte: SANTUR,2014

Os turistas nacionais, dos quais 43% catarinenses têm contribuição muito maior em comparação com os internacionais, contudo, ao analisar a figura abaixo, observa-se uma curiosidade.

Tabela 4: Gastos médios



Fonte: SANTUR, 2014

De fato, a contribuição dos turistas nacionais teve uma maior participação na receita total, contudo, individualmente, os turistas internacionais costumam gastar uma quantidade consideravelmente maior, gerando, portanto, maior movimentação econômica.

Independente da demanda direta relacionada ao tema, as externalidades geradas também são positivas, estima-se que em 2013, o setor turístico movimentou 600 mil empregos diretos e totalizou 12,5 % do PIB de Santa Catarina (SANTUR, 2013).

Conforme citado anteriormente, os dados apresentados demonstram que o turismo é muito sazonal, existe uma demanda extremamente concentrada durante o verão e uma redução da atividade durante as outras estações. Visando estimular o setor em combate à sazonalidade da baixa temporada, o governo apostou no crescente turismo de eventos, trazendo convenções, seminários, festivais e exposições. No total, o número de visitantes alcançou a marca de 6 milhões nas quatro estações em todo o Estado, portanto, a alta temporada ainda responde a aproximadamente 75% da receita do setor.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013), as contribuições mais expressivas para o aumento da participação do turismo catarinense na economia no país foram dos serviços de alimentação, com R\$ 38,8 bilhões; das atividades

recreativas, culturais e desportivas, com R\$ 18,6 bilhões; e do transporte rodoviário, com R\$ 18 bilhões.

Existe, portanto, uma movimentação econômica intensa que permeia essa atividade no estado de Santa Catarina. O estímulo dessa atividade pode trazer benefícios para a economia do estado, não apenas para os estabelecimentos ligados a alimentos e bebidas ou para o comércio varejista, mas também sobre a construção civil, os imóveis e outros setores ligados ao desenvolvimento econômico.

4.3.3 Aspectos sociais

Um dos maiores desafios que o Brasil possui historicamente é a superação do subdesenvolvimento que, mais do que uma categoria econômica, é uma condição que traz consigo uma série de problemas sociais como a pobreza e a desigualdade. (BRESSER PEREIRA, 2010).

Conforme exposto nas seções anteriores, o setor de turismo gera uma movimentação financeira intensa que pode beneficiar a população com políticas bem estruturadas. Em Santa Catarina, essa atividade é essencialmente uma responsabilidade da Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte cuja missão é: Promover o desenvolvimento das atividades turísticas, culturais e esportivas como parte integrante do lazer para melhorar a qualidade de vida dos catarinenses.

O setor turístico movimentou por volta de 600 mil empregos diretos e totalizou 12,5 % do PIB de Santa Catarina em 2013, entretanto, existe potencial a ser explorado. Conhecido principalmente por suas praias, muitas das quais entre as melhores do mundo, o estado se destaca com uma variedade de outras atrações que acabam não sendo tão demandadas por falta de iniciativas.

Os indicadores sociais de Santa Catarina estão entre os mais altos do Brasil, inclusive mais elevados que os dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. As taxas de criminalidade variam, mas costumam colocar Santa Catarina entre os estados mais seguros do Brasil, em situação muito melhor que as do Rio de Janeiro e de São Paulo - fator importante em um país que a OMT classifica entre os mais problemáticos em termos dos níveis de criminalidade que os turistas enfrentam. (WTTC, 2008).

A política econômica é o estudo das formas e efeitos da intervenção do Estado na vida econômica visando atingir determinados fins (LESSA, 1998). As estratégias de política econômica devem ser direcionadas para a elevação da qualidade de vida dos cidadãos que está relacionada à educação, ao aumento da prosperidade econômica, criação de oportunidades e manutenção do meio ambiente seguro e saudável assim, o setor turístico poderia ser utilizado como alavanca propulsora nessa proposta levantando recursos com o intuito de auxiliar o governo atingir seus objetivos (TEIXEIRA, 2006).

É preciso enfrentar alguns desafios para que o setor amplie seu potencial como catalisador do desenvolvimento econômico e social em todo o estado por isso, a atenção deve ser no sentido de prover o crescimento sustentável, gerando equilíbrio entre economia e o bem estar dos Catarinenses (WTTC, 2008).

Devido aos objetivos estabelecidos acima, em novembro de 2004, uma iniciativa do governo estadual em parceria com a empresa de consultoria Ruschmann Consultores concluiu o PDIL - Plano de Desenvolvimento Integrado do Lazer de Santa Catarina que será apresentado na sessão 3.4 desse capítulo.

4.3.4 Fatores ambientais e estruturais

Os pilares de sustentação da demanda turística do Brasil e do Estado de Santa Catarina são as características ambientais, culturais e econômicas. Ambas as características possuem um peso relativamente alto na escolha desse destino, entretanto, as mais afetadas pelo crescimento não planejado da demanda são, os fatores econômicos e ambientais (YAZIGI, 1998). Nas seções anteriores, foram apresentadas algumas características econômicas relacionadas a essa atividade assim, nessa seção, devido à importância da conservação ecológica para a manutenção da demanda turística, terá como objetivo evidenciar os possíveis impactos ambientais que a atividade pode surtir se não planejada de forma correta.

Contrastam-se as belas paisagens naturais onde estão muitas das estâncias turísticas, o avanço da civilização sobre as áreas verdes, criando a necessidade de no século atual termos sustentabilidade e desenvolvimento fatores imprescindíveis na dinâmica contemporânea (YAZIGI, 1998).

Conforme citado anteriormente, o equilíbrio e o dinamismo da economia catarinense refletem altos níveis de crescimento contando com alfabetização, emprego e renda per capita muito acima da média nacional, tal fator reflete em um dos menores índices de criminalidade do país (WTTC, 2008).

O relativo equilíbrio econômico e ambiental são características que criam um panorama extremamente favorável, entretanto, tais fatores exigem que sejam feitos monitoramentos e mensurações confiáveis de tendências de demanda e comportamento do consumidor para identificar oportunidades que possam favorecer o desenvolvimento sustentável e a saúde do setor e também para verificar ameaças ao crescimento dessa atividade (YAZIGI, 1998). Um bom exemplo desse tipo de ameaça foram as graves enchentes do final de 2008, considerada a pior catástrofe ambiental que Santa Catarina jamais sofreu, gerou uma série de problemas para as regiões atingidas.

Outro grande problema que pode aparecer como consequência desse aumento da demanda turística é o caso da capacidade urbana de transporte. A ilha de Florianópolis é um exemplo, por ter seu território restrito ao crescimento, já conta com uma situação ruim de mobilidade durante o ano, mas chega a ter situações caóticas durante as altas temporadas. A falta de água em algumas regiões do estado é outro atenuante que ocorre devido a esse aumento do número de pessoas em certos meses do ano sem infra-estrutura adequada para recebê-las.

Por outro lado, atividades como a hotelaria, casas noturnas e alimentação acabam pressionando essa demanda pra cima. Com a relativa liberdade que possuem de flexibilizar os valores durante as altas temporadas, acabam obtendo lucros extraordinários durante as altas temporadas e tendem a estimulá-la mais intensamente (RODRIGUES, 1999).

O planejamento se torna então inevitável num país com disparidades econômicas como o Brasil afinal, existe, uma parcela da população que se beneficia com o aumento da demanda turística e tende a pressioná-la para cima, e outro setor que, por sofrer as consequências de um crescimento sem planejamento, acaba pagando um alto preço pelos prejuízos (RODRIGUES, 1999).

4.4 PLANO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DO LAZER DE SANTA CATARINA (PDIL)

Conforme apresentado, o perfil do país no setor turístico pode torná-lo mais ou menos atrativo. Para tal objetivo devem ser adotadas políticas eficientes com o intuito de melhorá-lo (SUAREZ, 2007).

Para que o turismo brasileiro realmente avance, é necessário criar também boas e apropriadas estruturas de governança. Estruturas que venham a regular as ações dos agentes públicos, privados e não governamentais, envolvidos com toda a cadeia produtiva do setor e seus destinos. Essas estruturas, como constatado, não são de fácil desenvolvimento. Ao contrário, são arranjos institucionais bastante complexos e para os quais não existe um padrão dominante. Não existe alternativa, porém, se não apreender a desenvolvê-las e adotá-las (Suarez M. A. , 2007. P 83).

Existem diversas definições daquilo que chamamos de políticas públicas. Uma delas salienta que é a somada atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos (Peters, 1986).

Uma boa política pública, portanto, deve influenciar positivamente a vida dos cidadãos. Nesse contexto, o governo catarinense vem efetuando estudos para utilizar a atividade turística em prol da melhora da qualidade de vida dos residentes.

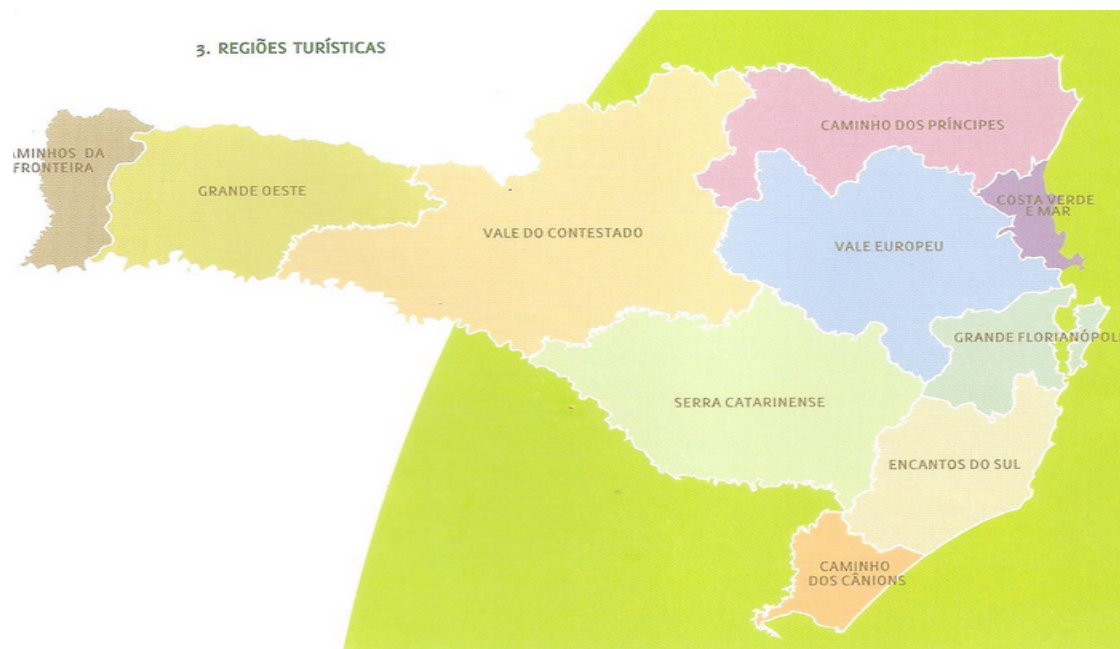
Essa sessão tem como objetivo identificar as regiões turísticas do estado e apresentar as propostas do governo Catarinense no que tange o planejamento para o desenvolvimento da dinâmica do setor turístico do estado.

Conforme apresentado anteriormente, o órgão governamental responsável pelas políticas da atividade turística de Santa Catarina é a Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte que criou no ano de 2004, o PDIL - Plano de Desenvolvimento Integrado do Lazer de Santa Catarina. Esse documento tem como objetivo estabelecer as diretrizes futuras para a exploração do setor turístico no estado.

Primeiramente, dividiu-se o estado em dez regiões turísticas para facilitar a quantificação dos investimentos necessários para as respectivas áreas, que são as seguintes: Caminhos da Fronteira, Caminho dos Cânions, Caminho dos Príncipes; Costa Verde

& Mar; Grande Florianópolis; Grande Oeste; Encantos do Sul; Serra Catarinense; Vale do Contestado e Vale Europeu.

Figura 8: Regiões turísticas do estado de Santa Catarina.



Fonte: Ministério do turismo, 2013

Conforme citado, o governo estabeleceu em 2004 o PDIL - Plano de Desenvolvimento Integrado do Lazer de Santa Catarina que estabelece as diretrizes das políticas adotadas nos próximos anos. Os objetivos básicos estabelecidos no plano são:

- a) Desenvolver estratégias e políticas que garantam uma gestão de turismo sustentável com base nos princípios sociais, culturais, ambientais e econômicos;
- b) Desenvolver um modelo de turismo competitivo com base na qualidade global, inovação e novas bases tecnológicas;
- c) Promover o turismo como fonte geradora de negócios e geração de empregos;
- d) Estabelecer um processo de integração entre Planejamento e Gestão, pelo envolvimento de todos os segmentos e atores no processo compartilhado de ações;

- e) Aperfeiçoar o uso dos recursos materiais e financeiros e também os recursos humanos em todos os setores de desenvolvimento do turismo da região;
- f) Evitar ações paralelas e desarticuladas, criando Canais de comunicação;
- g) Realizar e promover ações de marketing de produtos e segmentos turísticos.
- h) A análise dos fatores expostos acima permite observar uma preocupação do governo em relação as medidas que serão tomadas para o desenvolvimento do turismo no estado de Santa Catarina. O PDLI tem um objetivo específico de utilizar o turismo como uma ferramenta para desenvolver economicamente o estado.

5. CONCLUSÃO

A história do turismo mundial demonstra uma evolução da atividade turística ao longo dos anos. As pequenas viagens em busca de alimento entre os povoados, aos poucos se tornaram viagens de expedição que percorriam oceanos, evoluindo ao que atualmente se tornou um grande mercado que movimenta os mais diversos setores: transporte, alimentação, eventos, hospedagem, etc.

A movimentação econômica dessa atividade é refletida nos indicadores os quais mostram um setor que vem apresentando uma demanda crescente.

A atividade vem movimentando um montante financeiro muito elevado para a economia mundial. As Américas são responsáveis por uma parcela significativa dessa atividade, a América do Sul, apesar de não ser uma grande potência, conta também com uma fatia importante desse mercado.

O Brasil é o país que mais movimenta essa atividade na economia sul americana e tem uma participação considerável em relação às Américas, focando sua demanda na esfera ambiental. O estado de Santa Catarina, por sua vez, é um dos que mais contribuem com esse panorama para o país, alavancado por riquezas ecológicas diversidade cultural e indicadores sociais positivos.

Ecologicamente, existe uma diversidade climática que chama atenção, com temperaturas baixas em relação a média nacional durante o inverno e temperaturas altas no verão, fatores que são potencializados pela preservação das riquezas naturais.

Culturalmente, o estado conta com fragmentos de uma série de culturas diferentes que se espalham pelo estado, contando com festas típicas e costumes atrativos.

Socialmente, encontra-se entre os mais desenvolvidos do país com índices de criminalidade que fica abaixo de estados ricos como São Paulo e Rio de Janeiro.

Economicamente, o montante movimentado pelo turismo em Santa Catarina chega a quase um décimo do seu PIB e gera uma quantidade grande de empregos, além dinamizar setores como alimentação, comércio, transportes, hotelaria, etc.

Uma série de fatores se une criando condições para que o estado seja um dos mais atrativos turisticamente para o Brasil. Entretanto, existem alguns aspectos que devem ser considerados.

Os aspectos ambientais e de infraestrutura são, conforme citado, de suma importância para manutenção da atividade no estado sendo, portanto, importante atentar para possíveis problemas que possam vir a ocorrer devido a falta de planejamento como aumento das quantidades demandas por alguns recursos que a cidade dispõe como água e espaço físico causando transtornos referentes a mobilidade, escassez de água e intensificação de desastres naturais.

As políticas públicas podem utilizar esse potencial para amenizar os malefícios que advêm da exploração da atividade visando desenvolver mais acentuadamente o estado.

O governo estadual, ciente da importância do planejamento para o uso desse potencial desenvolveu um plano que determina as diretrizes de atuação para o setor os benefícios que essa atividade pode trazer.

Conforme visto na primeira seção, os principais problemas relacionados ao subdesenvolvimento econômico são a pobreza e a desigualdade (Bresser – Pereira L.C, 2010).

Outro fator apontado para determinar a condição de subdesenvolvimento de um país é sua dependência formal ou informal em relação aos grandes países industrializados. (Furtado, 1961).

O estado de Santa Catarina, ainda que conte com características melhores em termos de desenvolvimento em relação a outros estados da federação, possui problemas econômicos e sociais relacionados ao subdesenvolvimento.

De fato, existem alguns fatores que, pela própria condição histórica, serão difíceis de ser superados, é o caso da dependência tecnológica pelos países centrais, entretanto, o estudo realizado mostra dados que sugerem combate a problemas oriundos do subdesenvolvimento como, por exemplo, o combate ao desemprego.

Outra medida que pode ser tomada é a utilização de parte das receitas oriundas dessa atividade para investimentos em setores importantes para alavancar o desenvolvimento econômico como educação, infraestrutura e progresso técnico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBAN, Marcus. Os problemas da expansão espacial do turismo no Brasil. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://www.uvm.cl/csonline/2007_2/pdf/alban.pdf>

BENI, Carlos Mario. Análise estrutural do turismo. São Paulo: SENAC, 1998.

BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos. Desenvolvimento e Crise no Brasil, 5ª edição, São Paulo: Editora 34, 1968/2003.

CASTELLI, G. Turismo uma atividade marcante Caxias do Sul, EDUCS, 2001.

CRUZ, R. Política de Turismo e território. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FURTADO, Celso. Desenvolvimento e subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009

KRIPPENDORF, Jost. A Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LAGE, Beatriz; MILONE, Paulo C. Economia do turismo. Campinas, SP: Papirus, 1991.

LESSA, Carlos. O conceito de política econômica: ciência e/ou ideologia? Campinas, SP: Instituto de Economia da UNICAMP, 1998.

MINISTÉRIO DO TURISMO (MTUR, 2007) apresenta a evolução histórica. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Aprendiz_de_Lazer_e_Turismo.pdf> Acesso em: 15 Out. de 2014.

MINISTÉRIO DO TURISMO (MTUR, 2014) apresenta dados sobre o turismo . Disponível em: < <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/anuario/>> Acesso em: 31 Out. de 2014.

MINISTÉRIO DO TURISMO (MTUR, 2013) Apresenta estatística e dados do turismo. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/estatisticas_indicadores/downloads_estatisticas/Estatistica_e_indicadores_Turismo_no_mundo_2013.pdf> Acesso em: 31 Out. de 2014;

MINISTÉRIO DO TURISMO (MTUR, 2014) Apresenta dados do turismo brasileiro. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20140417-1.html> Acesso: 30 de Out de 2014.

Organização Mundial do Turismo (OMT, 2014) apresenta dados do turismo. Disponível em: http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/estatisticas_indicadores/estatisticas_indicadores_turismo_mundial/ Acesso em 1 de Nov. 2014.

Organização Mundial do Turismo (OMT, 2013) apresenta conceitos do turismo. Disponível em: <http://www2.unwto.org/content/who-we-are-0>. Acesso em 9 de Dezembro de 2014.

OURIQUES, Helton Ricardo. A produção do turismo: fetichismo e dependência. Campinas: Alínea, 2005.

PETERS, B. G. American Public Policy. Chatham, N.J.: Chatham House. 1986.

RANGEL, Ignácio M. A Dualidade Básica da Economia Brasileira, in Ignácio Rangel: Obras Reunidas, Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2005.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Turismo e sustentabilidade. Revista Geografia - UFMS. Campo Grande, MS, 1999.

SANTA CATARINA TURISMO S.A (SANTUR, 2013) apresenta dados do turismo de Santa Catarina. Disponível em:

<<http://turismo.sc.gov.br/institucional/index.php/ptbr/informacoes/estatisticas-e-indicadores-turisticos/category/8-pesquisa-de-demanda-turistica-2013>> Acesso em 14 de Nov. de 2014.

TEIXEIRA, Luzia Neide Menezes - O turismo nos discursos, na política e no combate a pobreza– São Paulo: Editora Annablume, 2006.

YAZIGI, Eduardo. Turismo e paisagem, São Paulo, SP : Contexto, 1998.

GOVERNO DE SANTA CATARINA, Boletim informativo 1º semestre de 2013. Apresenta dados econômicos do Estado de Santa Catarina. Disponível em:

<http://www.sc.gov.br/images/banners_conheca_sc/documentos/perfil_economico_financeiro_social_2013_2.pdf> Acesso em: 3 de Nov. 2014.

WORLD TRAVEL TOURISM CONCIL (WTTC, 2008) - Relatório anual referente a 2008. Apresenta informações e dados do turismo mundial. Disponível em:

<<http://www.abeoc.org.br/2013/01/pesquisa-de-impacto-economico-de-viagens-e-turismo-em-santa-catarina-%E2%80%93-wttc-%E2%80%93-2009/>> Último acesso: 12 de Nov. 2014

WORLD TRAVEL TOURISM CONCIL (WTTC, 2013) – Relatório anual referente a 2012- Apresenta informações e dados do turismo mundial. Disponível em:

<http://www.abeoc.org.br/2013/05/pesquisa-de-impacto-economico-de-viagens-e-turismo-wttc-2012/>> Último acesso: 12 de Nov. 2014